

A VOZ DOS EXCLUÍDOS: UMA ANÁLISE DA LINGUAGEM EM CAPITÃES DA AREIA

Bárbara Cecília dos Santos Neves (UEFS)
barbinhaneves@hotmail.com

1. *Considerações iniciais*

Capitães da Areia (1937) apresenta uma grande variação de linguagem¹ refletida nos diálogos das crianças abandonadas, capoeirista, mãe de santo, padre, saveiristas, prostitutas, marinheiros. A linguagem nasce da necessidade que o ser humano tem de expressar seus pensamentos por um sistema de signos, sinais, símbolos, sons gestos. Percebendo o romance literário como um macroato de linguagem realizado na interação entre autor e leitor, exercendo a representação de uma dada realidade social e humana, à luz do dialogismo bakhtiniano (1993) que afirma ser o romance o gênero que representa artisticamente a interação entre as vozes sociais, proporcionando a representação do pensante, transição da fala e do pensamento, é que este trabalho pretende analisar as formas de linguagem presente no romance *Capitães da Areia* (1937) do escritor baiano Jorge Amado. O tema principal do romance é a marginalização de crianças e adolescentes, que por diversas razões se encontram em situação de rua. Amado dá voz aos meninos abandonados ao incorporar elementos da cultura popular, com o caráter realista utiliza as normas vernáculas e coloquiais, a naturalidade, a fala espontânea para tecer a vida das crianças abandonadas; debatendo e denunciando sobre as desigualdades sociais e econômicas, as formas de coerção/proteção da época. Entendendo que na literatura é possível perceber descrições perfeitas das variações linguísticas, visto que a linguagem é para o autor um elemento marcante do retrato social, do ambiente e dos personagens e percebendo que a linguagem amadiana reflete no comportamento das personagens denunciando o grau de marginalização que as crianças abandonadas eram submetidas.

Jorge Amado, ao escrever *Capitães da Areia* (1937), apresentou à sociedade o grau de exclusão e marginalização incrustada em crianças, que por se encontrarem em situação de rua, acabam perdendo socialmen-

¹ Este trabalho usa o vocábulo linguagem, referindo-se apenas a linguagem verbal, escrita pelo autor para transmitir à narrativa.

te a infância. Na narrativa, Amado denuncia diversas situações de abuso de poder, maus tratos, e falsa proteção de instituições que foram criadas com o compromisso de cuidar dos abandonados, mas que na realidade, só cristalizam a estigmatização da natureza criminal², enfatizando que a prática delituosa é uma escolha.

Capitães da Areia (1937) retrata no cotidiano das personagens os conflitos existenciais de quem ainda em fase de desenvolvimento, precisa ter a maturidade para enfrentar a exclusão social, buscando na organização grupal, criar mecanismos para adquirir meios de sobrevivência.

Para que consigam se alimentar, se proteger do frio, e, fugir da polícia e do juizado, os capitães precisam aguçar a agilidade e a malandragem; a prática criminal é percebida pelo autor como resposta ao descaso social ao qual essas crianças e adolescentes são submetidos. Os garotos ficcionados por Amado convivem diariamente com a miséria e insalubridade, gerando revolta contra o contexto social que os marginaliza, o autor narra o drama de morar nas ruas, buscando contrapor com a alegria da liberdade em conhecer todos os cantos da cidade.

Jorge Amado vai além da mera denúncia de uma realidade existente e adentra no âmago das relações do grupo; suas leis de convivência, o senso de lealdade mútua, o companheirismo, o cuidado com os mais novos, a coragem, dentre outros adjetivos que elevam as crianças de rua ascensão de um herói.

De acordo com Bueno, era característica dos escritores de 30:

A incorporação dos pobres pela ficção é um fenômeno bem visível nesse período. De elemento folclórico, distante do narrador até pela linguagem, como se vê na moda regionalista do início do século, o pobre, chamado agora de proletário, transforma em protagonista privilegiado nos romances de 30, cujos narradores procuram atravessar o abismo que separa o intelectual das camadas mais baixas da população, escrevendo uma língua mais próxima da fala. (BUENO, 2006, p. 23)

Os escritores da geração de 30 se sentiam desafiados a retratar a sociedade brasileira, sua composição cultural e étnica, seus modos de sobrevivência; essa preocupação servia para evidenciar a os conflitos polí-

² Ideia difundida por Cesare Lombroso em sua obra: *O homem delinquente* (1876). A obra retrata o delinquente e o delito, considerando-os advindos do atavismo, herança da idade selvagem, da idade animal e até da infância, para Lombroso, o delito é uma consequência da organização física e moral do criminoso. Lombroso visava o método orgânico para estudar os criminosos, preocupava-se quase que exclusivamente com o contingente pessoal, com os fatores endógenos.

ticos, os problemas econômicos e a falsa noção de desenvolvimento. Os romancistas deste período produziram uma literatura realista que ascendia o subalterno à posição de herói, evidenciando personagens pouco contemplados pelos cânones. Além de Jorge Amado merecem destaque autores como Patrícia Galvão – Pagu (1910-1962), Graciliano Ramos (1892-1953), Rachel de Queiroz (1910-2003), Amando Fontes (1899-1967), Érico Veríssimo (1880-1935), José Lins do Rego (1901-1957), Dyonélio Machado (1895-1985), Octávio de Farias (1908-1980), Lúcio Cardoso (1912-1968), Cyro Martins (1908-1995) entre outros que buscaram em suas produções literárias dar voz aos subalternos, apresentando a possibilidade de uma transformação social baseada na resistência.

A década de 30 se configurou em um período de incertezas políticas e econômicas, o Brasil almejava a afirmação positivista castilhistas de ordem e progresso, mas que, na realidade, estava imerso em desigualdades sociais, miséria, insalubridade. O objetivo dos escritores considerados da segunda geração moderna consistia em, a partir do texto literário, desnudar as realidades de um Brasil que iniciava a passos lentos o processo de industrialização, apresentando aos leitores uma consciência de subdesenvolvimento, escrevendo em suas obras representações das carências sociais de uma população para quem o progresso não chegava, explicitando a negação de direitos de um povo subalterno que não pode manter o sonho de progresso, pois estão inseridos em condições subumanas.

No início da sua carreira literária, Jorge Amado trouxe para os seus romances à vida comum do povo baiano, em um período onde a Bahia tentava se modernizar, sem perder seu caráter colonial. As crianças em situação de rua representada em *Capitães da Areia* (1937) são frutos dessa alienação pela modernização que valoriza os espaços citadinos, e não garante condições mínimas de sobrevivência para os menos favorecidos.

Duarte (1995) define que, a partir de *Cacau* (1933) e antes de *Gabriela Cravo e Canela* (1958) as obras de Jorge Amado são consideradas romance proletário, visto que se contrapõem aos valores burgueses, ascendendo o oprimido ao papel de herói e autor de sua própria história, denunciando situações de violência, opressão e estigmatização e, apresentando formas de mudar a realidade excludente imposta durante anos.

O romance proletário contrapõe-se aos valores da literatura burguesa e às suas regras de operação. O oprimido ascende a herói e conta sua experiência como forma de extrair o fato narrado um saber transmissível a outrem. A di-

menção utilitária se evidencia quando o texto expõe a vivência dos oprimidos, e ainda mais, quando parte para a pedagogia da insubmissão. (DUARTE, 1995, p. 34-35)

Segundo Chaves: o papel “do romance histórico brasileiro não era adjetivar a história institucionalizada, mas empreender a sua denúncia” (1991, p. 33), o romance dos anos 30 do século passado definiu um projeto social, visto que, a chamada geração de 30, em parte caudatária do regionalismo e em parte herdada da tradição realista se propôs a documentação de uma realidade rural e urbana.

Aliando o lirismo à crítica social e problematizando as situações subalternas impostas aos menos favorecidos. Amado retratou em suas obras as mazelas da sociedade baiana, enfatizando o abuso de poder dos coronéis, as relações subumanas de trabalho, o drama dos operários, as infinitas situações de exclusão impostas ao subalterno, o mundo da greve, e ascensão social garantida pela luta de classes. Procurando traduzir em seus romances uma identidade nacional escrevendo com uma linguagem natural, simples e informal. “Versando a sociedade real à grande narrativa e registrando as alteridades brasileiras a luz do país pouco afeito ao sol, o Brasil da margem e da periferia, do simbolismo à alegorização do carnaval, passando pelos fatos da miscigenação que estimula os hibridismos” (ARAÚJO, 2003, p. 33-34), evidenciando um realismo que mostra os personagens, não apenas integrado em seu contexto social, mas por ele aprisionado e oprimido.

Capitães da Areia (1937) começou a ser escrito em Estância (SE) e concluído a bordo de um navio que seguia para o México (RAILLARD, 1992, p. 117), Em entrevista, Jorge Amado afirma que, assim como *Mar Morto* (1936), *Capitães da Areia* (1937) nasce de *Jubiabá* (1935), essa trilogia “reflete de maneira imediata toda a experiência de minha vida de adolescente, minha adolescência solta pela cidade de Salvador, meu contato diário com o povo da cidade, com os problemas do povo baiano.” (RAILLARD, 1992, p. 104-105). Após o lançamento, o romance foi considerado literatura propagandista do comunismo, e junto com outras obras de autores como: José Lins do Rego, Prado Ribeiro, Anísio Teixeira, foram apreendidos pela polícia e queimados em praça pública (Reportagem publicada no Estado da Bahia, p. 3, em 17 de novembro de 1937). A segunda edição do romance retorna às livrarias em 1944.

A narrativa sobre os meninos abandonados que capitaneavam Salvador nas primeiras décadas do século XX, impactaram os leitores, o

livro já ultrapassou cinco milhões de cópias vendidas, traduzido para quinze idiomas, existindo exemplares em Braille. Adaptado para o teatro no Brasil e na Alemanha, televisionado no Brasil e na Tchecoslováquia; tendo a primeira versão filmada nos Estados Unidos

da qual eu não gosto, porque transforma profundamente a alma do livro [...] Toda poesia do livro desaparece, só resta violência, e esta violência adquire outra aparência; trata-se agora de delinquência juvenil, e não da violência da criança [...] o que ele tem realmente de bom é a música de Caymmi. (RAILLARD, 1992, p. 166)

A segunda versão em filme foi feita no Brasil e dirigida por Cecília Amado.

Em *Capitães da Areia* (1937), Jorge Amado delimita dois cenários que definem os espaços sociais: a Cidade Baixa, considerada espaço periférico, moradia dos capitães da areia, saveiristas, mães-de-santo, prostitutas, malandros, boêmios; e a Cidade Alta, vista como espaço destinado aos mais abastados, onde se dá as práticas ilícitas das personagens. Simultaneamente, Jorge Amado percorre assuntos como o sincretismo religioso, a inoperância do poder público, a desonestidade das elites; tecendo uma crítica ao capitalismo, incentivando o comunismo e a tomada de consciência por grupos populares para atingir a vitória com a luta de classe.

O romance apresenta dois pensamentos sobre as políticas de proteção ao menor: um lado que defende os reformatórios de menores assinado pelo viés do dominador – juiz de menores, diretor do reformatório, chefe de polícia, imprensa baiana – afirmando que o reformatório é “um estabelecimento modelar onde reinam a paz e o trabalho – um diretor que é um amigo – ótima comida – crianças que trabalham e se divertem – crianças ladronas em caminho da regeneração.” (AMADO, 2001, p. 15). E o lado do subalterno, este percebe o reformatório como lugar da opressão, dos castigos, torturas e violência moral, defendido por crianças abandonadas, pais e religiosos.

Capitães da Areia (1937) é dividido em quatro partes: “Carta à Redação”, “Sob a Lua num velho trapiche abandonado”; “Noite da grande paz, da paz dos teus olhos”; “Canção da Bahia, canção da liberdade”, o tema principal da obra é a marginalização de crianças que por diversas razões – orfandade, vítimas de maus tratos, extrema pobreza familiar – são obrigadas a morarem na rua, vivendo sem a proteção de um adulto. Amado apresenta no romance os aspectos positivos que fortalecem as personagens como, por exemplo: a luta pela sobrevivência, a alegria de

viver livremente nas ruas de Salvador, o companheirismo e as relações de amizade entre os membros do grupo. Apresentando ao leitor que os atos infracionais era uma resposta ao descaso social ao qual estavam submetidos:

Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e policiais. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros. Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem tudo aquilo morreriam de fome, porque eram raras as casas que davam de comer a um, de vestir a outro. E nem toda a cidade poderiam dar a todos. (AMADO, 2001, p. 100-101)

Araújo (2003, p. 15) afirma que, Jorge Amado põe o povo no centro de seu processo de criação e análise, em uma literatura em que o povo é ator e não mais assunto, assumindo foros de consciência de seu estar em um mundo de opressões e injustiças. Amado dialoga com o leitor, estabelecendo elementos que pairam entre o lirismo e o documentarismo, factualidade e poesia, oscilando de um a outro foco.

2. A linguagem do dominador

Jorge Amado utiliza a linguagem em *Capitães da Areia* (1937) para apresentar ao leitor os espaços sociais destinados ao subalterno, toda a narrativa é composta por situações que define como a sociedade percebia os meninos abandonados, e qual era a resposta dos capitães diante da estigmatização.

Na primeira parte da narrativa denominada “Cartas à Redação” é possível perceber as diferentes concepções sobre a criança e o adolescente em situação de rua, enquanto os mecanismos de controle – polícia, juizado de menores, reformatório e casa de correção – e demais dominadores que possuem a mídia responsabiliza os pais e a criança pela “natureza criminal:

Essas crianças que tão cedo se dedicaram à tenebrosa carreira do crime, não têm moradia certa ou pelo menos a sua moradia ainda não foi localizada [...] Crianças que naturalmente devido ao desprezo dado à sua educação por pais pouco servidos de sentimentos cristãos, se entregam no verdor dos anos a uma vida criminososa (AMADO, 2001, p. 3).

Jorge Amado abre a narrativa apresentando de forma pseudojornalística duas notícias e cinco cartas resposta publicadas no *Jornal da Tarde*, intitulada “Crianças ladronas”, tendo como chamada da primeira

notícia: “As aventuras sinistras dos ‘capitães da areia’ – A cidade infestada por crianças que vivem do furto – urge uma providência do Juiz de Menores e do chefe de polícia – ontem houve mais um assalto” (AMADO, 2001, p. 3). O jornal convoca as ações enérgicas do chefe da polícia e do Juizado de Menores para extinguir os infantes que se dedicavam “à tenebrosa carreira do crime” (AMADO, 2001, p. 3). O texto jornalístico ainda explica a origem da alcunha Capitães da Areia “porque o cais é o seu quartel general” (AMADO, 2001, p. 3).

O assalto à casa do Comendador, matéria publicada em primeira página, é narrada com o emprego de estratégias que conduzem o leitor ao asco pelas crianças que são denominadas de “bando de demônios” (AMADO, 2001, p. 5), à simpatia pela família do comerciante “esse remanso de paz e trabalho honesto passou uma hora de indescritível agitação e susto com a invasão que sofreu por parte dos “Capitães da Areia”” (AMADO, 2001, p. 4), ainda na notícia há o encontro entre a infância nobre e a infância subalterna, ficando evidenciado o confronto social.

Aconteceu que no jardim a linda criança que é Raul Ferreira, de 11 anos, neto do comendador, que se achava de visita aos avós, conversava com o chefe dos “Capitães da Areia”, que é reconhecível devido a um talho que tem no rosto. Na sua inocência, Raul ria para o malvado, que sem dúvida pensava em furtá-lo [...] A nossa reportagem ouviu também o pequeno Raul, que, como dissemos, tem onze anos e já é dos ginásianos mais aplicados do Colégio Antônio Vieira. Raul mostrava uma grande coragem, e nos disse acerca da sua conversa com o terrível chefe dos “Capitães da Areia”. -- Ele disse que eu era um tolo e não sabia o que era brincar. Eu respondi que tinha uma bicicleta e muito brinquedo. Ele riu e disse que tinha a rua e o cais. Fiquei gostando dele, parece um desses meninos de cinema que fogem de casa para passar aventuras. (AMADO, 2001, p. 5).

Ao confrontar as duas crianças, Amado denuncia como a sociedade define e cristaliza dois tipos de infância, tendo os filhos dos abastados como inocentes, inteligentes e estudiosos e os filhos dos menos favorecidos como malvados, pecaminosos, terríveis e criminosos. Com isso, o autor denuncia o Código de Menores, decreto nº 17.943-A, promulgado em 1927, onde ao mesmo tempo em que tornou visível a infância pobre no âmbito legal, como área de competência jurídica própria, também foi um marco de segregação dessa infância, identificada como delinquente. Visão preconceituosa que, cristaliza a prática social, definindo o local de exclusão para os subalternos, reproduzindo as desigualdades, firmando a identidade da infância subalterna como antissocial, propensa a ações criminosas, sem recuperação: “faz necessário é uma urgente providência da polícia e do juizado de menores no sentido da extinção desse bando e pa-

ra que se recolham esses precoces criminosos aos institutos de reforma de crianças ou às prisões” (AMADO, 2001, p. 3-4)

Após a notícia, Amado abre a narrativa para a procura da solução do problema da infância abandonada, com a compilação das cartas em resposta à repercussão da matéria, ora respondendo aos pedidos por providências, ora trazendo novas críticas e, conseqüentemente, provocando outras respostas. A primeira carta é do chefe de polícia de Salvador (redigida pelo secretário), afirma ser do juiz de menores a responsabilidade em encontrar meios para solucionar o problema dos ‘crimes’ cometidos pelo “bando de crianças delinquentes” (AMADO, 2001, p. 7).

A carta do Juiz de Menores à redação informa que compete ao Juizado

designar o local onde as crianças devem cumprir pena, nomear curador para acompanhar qualquer processo contra eles instaurado etc. Não cabe ao juizado de menores capturar os pequenos delinquentes. Cabe velar pelo seu destino posterior (AMADO, 2001, p. 8).

É possível perceber que o juiz de menores reafirma que o ato de delinquência é uma escolha utilizando como exemplo a fuga do reformatório, com isso se justifica e coloca como causa do problema a escolha da criança e do adolescente em viver uma vida de conflito com a lei:

Não tenho culpa, porém, de que fujam, que não se impressionem com o exemplo de trabalho que encontram naquele estabelecimento de educação e que, por meio da fuga, abandonem um ambiente onde se respiram paz e trabalho e onde são tratados com o maior carinho. Fogem e se tornam ainda mais perversos, como se o exemplo que houvessem recebido fosse mau e daninho. (AMADO, 2001, p. 9).

Ao inserir a carta-resposta de uma personagem costureira e mãe de interno que escreve ao jornal falando sobre os horrores vivenciados pelas crianças no reformatório, Jorge Amado enfatiza que a carta foi publicada na quinta página, sem clichês e sem comentários, sendo impressa sem a correção de frases: “e logo depois veio a polícia e disse que ia perseguir eles e então o doutor dos menores veio com uma conversa dizendo que era uma pena que eles não se emendavam no reformatório para onde ele mandava os pobres” (AMADO, 2001, p. 10). Em geral as publicações retificam ou até suprimem as partes com erros das correspondências, porém, Amado exprime a escrita de Maria Ricardina sem nenhuma correção, denunciando os processos midiáticos da época que buscavam desmerecer o discurso do subalterno, visto que ao manter as incorreções na escrita da denunciante pretende com isso frisar a sua diferença social. A

denúncia da mãe de um interno faz aflorar informações antes veladas, enquanto a elite afirmava que o orfanato era o lugar de paz, trabalho e transformação, uma mulher conta as atrocidades que ocorrem nos lugares destinados para proteger e garantir qualidade de vida para a criança e o adolescente.

Eu queria que seu jornal mandasse uma pessoa ver o tal reformatório para ver como são tratados os filhos dos pobres que têm a desgraça de cair nas mãos daqueles guardas sem alma [...] o menor que acontece pros filhos da gente é apanhar duas ou três vezes por dia [...] Eu vi isso muitas vezes porque eles não ligam pra gente e diziam que era para dar exemplo. (AMADO, 2001, p. 10)

Na primeira parte da narrativa, Jorge Amado mostra que, mesmo com a denúncia sobre os maus tratos do orfanato e a confirmação de um padre: “As crianças do aludido reformatório são tratadas como feras, essa é a verdade” (AMADO, 2001, p. 12). Em resposta as cartas de denúncia sobre as atrocidades do reformatório, o diretor pede para que enviem um redator do jornal para visitar a instituição: “e não digo que ele venha no dia que quiser é que estas visitas devem ser feitas nos dias permitidos pelo regulamento e é meu costume nunca me afastar do regulamento. Este é o motivo único por que convido o vosso redator para segunda-feira” (AMADO, 2002, p. 14), por fim a mídia reproduz as informações: “Um estabelecimento modular onde reinam a paz e o trabalho – um diretor que é um amigo – ótima comida – só um incorrigível reclama...” (AMADO, 2001, p. 15)

3. A linguagem dos capitães

Capitães da Areia (1937) possui uma variedade de linguagem popular, apresentada pelos personagens subalternos – heróis amadianos – contrapondo com o discurso normativo da classe dominante. A linguagem das personagens denuncia o grau de marginalização social que a criança e o adolescente em situação de rua eram submetidos. Podemos definir que em *Capitães da Areia* (1937), além da preocupação estética, a linguagem é utilizada como maquinaria de guerra para denunciar as desigualdades da época, e que infelizmente ainda permanece na contemporaneidade.

Jorge Amado narra a vida dos capitães da areia e suas aventuras pelas ruas da Bahia, o autor evidencia a moradia do grupo – um trapiche abandonado no areal da Cidade Baixa, as relações de amizade e compa-

nheirismo, as leis e regras de convivência, os métodos utilizados para garantir a sobrevivência, os conflitos identitários de quem está em uma fase peculiar de desenvolvimento e para sobreviver precisa aprender a se comportar como adultos:

Na arriscada vida da rua, os capitães da areia eram como homens, eram iguais a homens. Toda a diferença estava no tamanho. No mais eram iguais: amavam e derrubavam negras no areal desde cedo, furtavam para viver como os ladrões da cidade. Quando eram presos apanhavam surras como os homens. Por vezes assaltavam de armas na mão como os mais temidos bandidos da Bahia. Não tinham também conversas de meninos, conversavam como homens. Sentiam mesmo como homens. Quando outras crianças só se preocupavam com brincar, estudar livros para aprender a ler, eles se viam envolvidos em acontecimentos que só os homens sabiam resolver. Sempre tinham sido como homens, na sua vida de miséria e aventura, nunca tinham sido perfeitamente crianças. Porque o que faz a criança é o ambiente de casa, pai, mãe, nenhuma responsabilidade. Nunca eles tiveram pai e mãe na vida de rua. E tiveram sempre que cuidar de si mesmos, foram sempre os responsáveis por si. Tinham sido sempre iguais a homens. (AMADO, 2001, p. 230-231)

Em *Capitães da Areia* (1937), Jorge Amado visibiliza a voz dos meninos abandonados incorporando dados da linguagem popular, das gírias, calões e termos chulos, utilizando a fala espontânea para narrar o cotidiano da classe subalterna, explicitando os problemas sociais, políticos e econômicos, atribuindo representações ficcionadas da realidade. A denúncia da infância abandonada adquire força máxima ecoando na voz dos subalternos, apresentando o drama vivido nas ruas e nos reformatórios. Ao utilizar a linguagem coloquial, os diálogos refletem o comportamento das personagens, Jorge Amado dá voz aos subalternos, e denuncia o grau de marginalização imposta ao menos favorecidos.

Segundo Bakhtin (1997) por trás de cada texto, há sempre um sistema de linguagens que corresponde a tudo no texto que é repetido e reproduzido, e pode ser dado fora do texto. A linguagem é entendida como um conjunto que pertence ao domínio individual e social é plurifacetada e nunca está estática.

Percebendo o romance como o macroato da linguagem fixado na interação autor/leitor, e entendendo a linguagem como meio norteador de interação, pois estabelece relações sociais plurifacetadas, e, entendendo que na literatura é possível perceber descrições das variações linguísticas já que a linguagem é para o autor um elemento marcante do retrato social, do ambiente e dos personagens, podemos definir que Jorge Amado ao colocar expressões coloquiais como afirma Bosi, coloca “O excluído enquanto sujeito do processo simbólico.” (2002, p. 259)

Capitães da Areia (1937) possui uma variedade de vocábulos e expressões utilizadas na informalidade das ruas, incorporadas por Amado para criar no romance a verossimilhança da realidade social de uma Bahia onde 90% da população vivia no “limiar da pobreza”. (FRAGA FILHO, 2004, p. 61). Amado recheia a narrativa com calões usados pelos capitães, evidenciando que o modo de falar define o comportamento social dos indivíduos, estes, de certa forma, aceitavam a incrustação da natureza criminal imposta pela sociedade, e usavam os vocábulos da rua para afirmarem a sensação de medo que a sociedade nutria pelo bando, quando na realidade, os meninos abandonados, queriam carinho e apoio, como não possuíam, por ter poucas pessoas que se importavam com eles – mãe de santo, padre, capoeiristas e prostitutas – a afirmação de uma identidade criminal era uma alternativa para garantir a sobrevivência.

A variedade de linguagem e discursos vai se construindo a fim de culminar com a tomada de consciência na luta de classe, protagonizada pelo personagem Pedro Bala, que ao ouvir a “voz da Revolução” (AMADO, 2001, p. 253), junto aos que ainda permaneciam ao grupo foram à luta para garantir a greve, que para o narrador significava a “festa dos pobres” (AMADO, 2001, p. 249). Após adentrar na luta grevista, Jorge Amado aponta a ascensão dos Capitães da Areia que ao aderirem ativamente à luta de classe, não se comportava mais na condição de subalterno, agora ouviam voz da revolução: “Uma voz que vem de todos os pobres, do peito de todos os pobres. Uma voz que diz uma palavra bonita de solidariedade, de amizade: companheiros. Uma voz que convida para a festa da luta.” (AMADO, 2001, p. 253).

E pela primeira vez na obra de Jorge Amado, a ligação entre luta política e malandragem se dará de forma direta. É claro que Pedro Bala não é totalmente estranho à luta política, já que conhece as histórias de seu pai, que fora um importante líder dos estivadores. Mas ele não tem qualquer participação direta nos movimentos proletários até que é chamado para ajudar no andamento de uma greve pelos seus dotes de malandro. (BUENO, 2006, p. 267)

É a partir da participação na luta grevista que os capitães da areia deixam de ser um grupo de moleques infratores e se transformam em uma brigada de choque. Pedro Bala vai para Sergipe com intuito de organizar o grupo dos Maloqueiros de Aracaju, Barandão torna-se chefe dos capitães: “De punhos levantados, as crianças saúdam Pedro Bala, que parte para mudar o destino de outras crianças.” (AMADO, 2011, p. 255).

Nas palavras de Duarte, ao escrever *Capitães da Areia*, (1937), Jorge Amado: “Quer falar as massas e formar consciências; dramatizar a

vida dos que estão submetidos ao capitalismo e mostrar o caminho que leva à superação”. (DUARTE, 1995, p.21)

4. Considerações finais

Capitães da Areia (1937) foi escrito por Jorge Amado oito anos depois de ter deixado a Bahia, a narrativa é constituída de lembranças de suas andanças pelas ruas, ladeiras, terreiros de candomblé, igrejas, cais onde conheceu de perto as histórias dos meninos abandonados que perambulavam nas ruas de Salvador, retratando a exclusão social, a narrativa não apresenta esse quadro com um discurso vitimizador, porém responsabiliza a fome como principal responsável pelo abandono familiar sofrido pelas crianças. Como é frisado em *Bahia de Todos os Santos* (1944).

Não são um bando surgido ao acaso, coisa passageira na vida da cidade. É um fenômeno permanente, nascido da fome que se abate sobre as classes pobres. Aumenta diariamente o número de crianças abandonadas. Os jornais denunciam constantes malfeitos desses meninos que têm como único corretivo as surras na polícia. Os maus tratos sucessivos. Parecem pequenos ratos agressivos, sem medo de coisa alguma, de choro fácil e falso, de inteligência atívis-sima, soltos de língua, conhecendo todas as misérias do mundo numa época em que as crianças ricas ainda criam cachos e pensam que os filhos vêm de Paris no bico de uma cegonha. Triste espetáculo das ruas da Bahia, os capitães da areia. Nada existe que eu ame com tão profundo amor quanto estes pequenos vagabundos, ladrões de onze anos, assaltantes infantis, que os pais tiveram de abandonar por não ter como alimentá-los. Vivem pelo areal do cais, por sob as pontes, nas portas dos casarões, pedem esmolas, fazem recados, agora conduzem americanos ao mangue. São vítimas, um problema que a caridade dos bons de coração não resolve. Que adianta os orfanatos para quinze ou vinte? Que adiantam as colônias agrícolas para meia dúzia? Os capitães da areia continuam a existir. Crescem e vão embora mas já muitos outros tomaram os lugares vagos. Só matando a fome dos pais pode-se arrancar à sua desgraçada vida essas crianças sem infância, sem brinquedos, sem carinhos maternos, sem escola, sem lar e sem comida. (AMADO, 1965, p. 143-144)

Waldir Freitas Oliveira em seu artigo “2002: os 65 anos de Capitães da Areia” (2002, p. 51) afirma que *Capitães da Areia* (1937) é um documento valioso para a compreensão de uma época, na Bahia. Sua elaboração resultou da vivência intensa do autor nas ruas, becos e ladeiras da cidade que ele conheceu adolescente, acreditando, como Pedro Bala, ser capaz de mudar o mundo para torná-lo mais justo e beneficiar os mais pobres. Jorge Amado é considerado um escritor engajado na luta pela transformação social, pois alguns dos seus romances chamam a atenção do leitor para uma realidade maquiada pela sociedade que se negava a re-

conhecer-se injusta, visto que, esta em sua estrutura, garantia privilégios aos ricos, restando para os menos favorecidos à exclusão, coerção e dominação.

Ao revelar situações de violência sofridas por crianças e adolescentes, Amado busca justificar as ações violentas das crianças de rua como resposta – grito de socorro – diante das situações excludentes, “A violência é o meio de ação dos mocinhos-bandidos, mas é também fim nas típicas atitudes de vingança do aparelho repressivo, sede, fome, espancamento, clausura”. (DUARTE, 1995, p. 139).

Araújo (2003), afirma que Jorge Amado pode ser considerado como um escritor que deu voz aos excluídos, colocando o povo no centro de sua criação e análise, criando uma literatura em que o povo é autor e não mais assunto, Amado assume a responsabilidade em relatar situações vividas por quem está à margem e é constantemente subjugado, oprimido e injustiçado. Existe assim uma relação com o leitor, estabelecendo um dialogismo entre lirismo e documentarismo, factualidade e poesia, oscilando de um a outro foco a cada livro, autor considera a obra *Capitães da Areia* como documental que busca imprimir tons de poesia. (ARAUJO, 2003, p. 15).

Podemos dividir a linguagem em *Capitães da Areia* (1937) em períodos: o primeiro é afirmado pela mídia e corresponde ao discurso da classe dominante, estes percebiam os meninos abandonados como propensos à natureza criminal; o segundo é a representação dos grupos marginalizados que buscam de todas as formas a sobrevivência; e o terceiro é a linguagem dos movimentos sociais e da luta pela igualdade de classe, e divisão justa dos recursos financeiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. 103. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos*: guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador. 12. ed. São Paulo: Martins, 1966.

ARAUJO, Jorge de Souza. *Dionísio & Cia. na moqueca de dendê*: desejo, revolução e prazer na obra de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Relume Dumará. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2003.

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Trad.: Maria Ermentina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Disponível em: <<http://www.2shared.com/document/jeh>>. Acesso em: 14-05-2013.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. Campinas: Unicamp, 2006.

CASTRO SANTOS, Luiz A. de. O pensamento sanitário na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. *Dados*, vol. 28, n. 2, p. 193-210, 1985.

CHAVES, Flávio Loureiro. *História e literatura*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1991.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Natal: UFRN, 1995.

FRAGA FILHO, Walter. Meninos vadios, moleques e peraltas na Bahia oitocentista. In: _____. *Capitães da Areia II: Curso Jorge Amado*. Salvador: FCJA, 2004.

MALARD, Letícia. *Literatura e dissidência política*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. 2002: os 65 anos de Capitães da areia. *Revista de Cultura da Bahia*, Salvador: Conselho Estadual de Cultura, n. 20, p. 41-53, 2002.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Trad.: Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1992

RIBEIRO, Luís Felipe. O conceito de linguagem em Bakhtin. *Revista Brasil*. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://revistabrasil.org/revista/artigos/crise.htm>>. Acesso em: 21-05-2013.

SANTOS, Luiz A. de Castro. As origens da reforma sanitária e da modernização conservadora na Bahia durante a Primeira República. *Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)*, vol. 41, n. 3, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 20-06-2013.

VERONESE, Josiane Rose Petry. *Temas de direito da criança e do adolescente*. São Paulo: LTR, 1997.